

Velas, flores e champanhe: objetos ritualísticos ofertados no túmulo da Cigana Kostichi em Vitória-ES¹

Barbara Thompson (UFBA/BA)

No cemitério público e monumental de Santo Antônio, localizado bairro periférico da cidade de Vitória -ES, uma lápide de cor amarelo ouro se destaca na paisagem fúnebre. Trata-se do túmulo da Cigana Kostichi, uma morta especial, visto que concede graças àqueles que lhe ofertam velas, flores, champanhe, cigarro, entre outros, em sua lápide. Assim, a entrega de oferendas sobre o túmulo é um ato central na constituição do ritual de devoção a Cigana. Esta devoção surge a partir do culto às almas dos mortos que é tradicionalmente realizado no Brasil, no Dia dois de novembro, nomeado como Dia de Finados, segundo a cosmologia católica. Assim, especialmente nesta época do ano, o cemitério se torna cenário de práticas religiosas. Neste contexto, o objetivo deste estudo é analisar as agências e significados dos objetos ofertados no ritual de devoção que ocorre no túmulo da Cigana. Dessa forma, indaga-se como a materialidade das oferendas é instrumentalizada pelos praticantes do ritual para acessar um ente espiritual, no caso, a Cigana Kostichi. Por outro lado, busca-se compreender como o espírito da Cigana se apropria dos objetos-oferendas para manifestar graças no mundo dos “vivos”. O trabalho utiliza Diana e Blanes (2014) para refletir acerca da pragmática dos efeitos, isto é, os efeitos dos espíritos na vida social, e o conceito de agência em Despret (2004). Assim, será possível revisar e atualizar a leitura de dados etnográficos sobre as oferendas presentes no culto à Cigana, ressaltando que tais dados foram coletados durante minha pesquisa de mestrado, desenvolvida em 2016. Em suma, práticas religiosas desenvolvidas no espaço do cemitério dissolvem as linhas que separam o mundo material dos vivos do mundo intangível dos mortos. Portanto, a oferenda entregue no túmulo é manejada pela religião e religiosidade para estabelecer diálogos com espíritos, os quais desenvolvem ações de transformação no mundo material.

Palavras chaves: Oferendas; rito aos mortos; agência

Introdução

A devoção aos mortos é um campo fértil no Brasil, inúmeras pesquisas etnográficas como Freitas (2006), Jurkevias (2004), Lourival Andrade Júnior (2008), inclusive minha própria pesquisa, Thompson (2017), relatam a efervescência de pessoas que circulam pelos cemitérios em momentos como o dia de finados, realizado em dois de novembro e que é um evento de memória aos mortos. Cultuar a alma dos mortos é comum no Brasil,

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

e isto é corroborado por Pierre Sanchis (1997) que aponta este país como um local de clima espiritualista. Na perspectiva brasileira há um universo repleto de espíritos que dialogam com os homens. Este mesmo autor também argumenta que os entes espirituais podem trazer benefícios e/ou malefícios em um exercício de influência direta na vida dos homens. Gilberto Velho (1994) também interpreta a mentalidade brasileira como permeada por crença em espíritos e na crença que tais espíritos podem se manifestar e intervir no cotidiano humano. Isso aponta a intensa relação e sistema de trocas entre mundo visível e invisível.

Neste rico e multifacetado contexto de devoções populares aos mortos, este artigo focaliza sua atenção em um caso existente no Cemitério Santo Antônio, da cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo. Trata-se do culto devocional que ocorre no túmulo da Cigana Adélia Kostichi, uma morta especial, famosa por conceder graças àqueles que ofertam em sua lápide uma grande variedade de elementos como velas, flores, champanhe, cigarros, alimentos e objetos do universo cosmético e estético feminino. Este culto e mais especificamente as oferendas que os devotos entregam à alma de um morto, portanto, são os objetos de estudo analisados no presente artigo.

Meus estudos sobre essas práticas devocionais e fúnebres, que ocorrem no cemitério Santo Antônio, se iniciaram no mestrado² e frequentemente faço revisitações dos dados etnográficos oriundos desta pesquisa com o intento de lançar novas perspectivas. Dessa forma, a busca pelo aprimoramento da etnografia do meu mestrado é o que justifica a feitura deste artigo.

Guiada por essa busca de aperfeiçoamento da minha pesquisa etnográfica do mestrado, o objetivo deste estudo é investigar e refletir sobre as agências e significados dos objetos ofertados no ritual de devoção que ocorre no túmulo da Cigana. Dessa forma, indaga-se como a materialidade das oferendas é instrumentalizada pelos praticantes do ritual para acessar um ente espiritual, no caso, a Cigana Kostichi. Por outro lado, busca-se compreender como o espírito-intangível da Cigana se apropria dos objetos-oferendas para

² THOMPSON, Barbara. Entre cruzeiros e o túmulo da Cigana Kostichi: Símbolos demarcadores de memórias sociais e identidades religiosas no cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Vitória- ES, p. 252, 2017. Disponível em: Acesso em: 18 de out. de 2020.

manifestar graças no mundo dos “vivos”. Essas questões permitem investigar as interconexões entre materialidade e imaterialidade dentro de uma prática mágico-religiosa. Portanto, permite pensar como a materialidade das oferendas mobiliza e é mobilizada por entes espirituais e por pessoas encarnadas no mundo físico nesta prática devocional. Ressalta-se que tal prática pode ser classificada como religiosa e religiosidade.

Para refletir acerca dessas questões utilizo Diana e Blanes (2014) para abordar pragmática dos efeitos, isto é, os efeitos dos espíritos na vida social. Além disso, também uso o conceito de agência não humana apresentado por Despret (2004), Gell (1998), Latour (2005) e Ingold (2012) tais autores permitem analisar também sobre dicotomias entre materialidade e imaterialidades. Os conceitos de pragmática dos efeitos e agência serão utilizados de forma a fomentar novos olhares acerca da devoção a Cigana Kostichi. Portanto, em perspectiva metodológica este artigo é construído por meio de uma releitura, atualização e re-análise dos dados etnográficos sobre as oferendas do ritual devocional no túmulo da Cigana, sendo tal revisão apoiada nos conceitos supracitados.

Em suma, o artigo está dividido em seis tópicos. Inicia-se apresentando no primeiro tópico a capacidade da Cigana que apesar de ser um ente intangível, inserido no mundo dos espíritos e mesmo assim tem poder em influenciar no mundo material dos vivos e usufruir das oferendas. Por outro lado, é interessante pensar se e como as oferendas mobilizam o espírito da Cigana. Apresenta-se os detalhes do ritual de devoção à Cigana Kostichi, como a arquitetura fúnebre que constitui o túmulo, a natureza das oferendas e breve história de vida e imaginário social sobre a Cigana. E nos outros cinco tópicos, cada um deles falará especificamente sobre cada uma das oferendas entregues em cima do túmulo. Assim, o tópico dois será sobre as velas, o tópico 3 sobre as flores, o quatro sobre Bebidas e cigarros, o cinco é a respeito das frutas e carnes, e por fim, o tópico seis é acerca dos Adereços de beleza. A ênfase desses cinco tópicos é abordar é como a materialidade das oferendas pode ser usada pelos devotos para entrar em contato com a alma da Cigana Kostichi, e por outro lado, analisando em que medida há uma agência, poder de ação e influência dos próprios objetos em relação aos devotos.

1-Agência do intangível: Um encontro com a Cigana

Ao chegar no cemitério é notória a presença do túmulo da Cigana, visto que ele possui uma cor amarelo ouro, chamando e atraindo a curiosidade de todos que andam naquele espaço fúnebre. Além de ter uma cor atípica para um túmulo, encontramos também infindáveis oferendas sobre a lápide e placas de agradecimento por graças alcançadas. Assim, o túmulo se torna se o narrador de uma história, colocando em evidência os poderes da alma de um Cigana em concretizar graças. As coisas-objetos falam.

O túmulo da Cigana tem oferendas que derivam de um culto devocional direcionado à alma desta própria Cigana. Há um conjunto de ações sequenciadas que constituem o ritual feito pelos devotos. Primeiro a pessoa se desloca até o cemitério e chegando no túmulo da Cigana a pessoa entrega uma oferenda e pede que uma graça seja obtida. Outra possibilidade é a pessoa ir até o túmulo e fazer apenas seus pedidos e a partir disso estabelecer um acordo definindo que a partir do momento que ocorrer concretização daquilo que foi pedido, a pessoa rapidamente voltará ao cemitério e deixará uma oferenda na lápide como forma de agradecimento pela graça alcançada. Portanto, entende-se como devoto aquele que estabelece um vínculo com a Cigana através da realização de um sistema de trocas com esta morta especial, isto é, entregar a oferenda com a intenção de conquistar uma graça, milagre em sua vida.

Toda ritualística de devoção a cigana e densamente atravessará pela materialidade. Você precisa ir ao túmulo e ofertar elementos materiais, esta é a base central do rito. As possíveis oferendas que podem ser entregues são as seguintes: rosas de todas as cores, mas especialmente as vermelhas, velas de todas as cores, cigarros, champanhe, cerveja, água, frutas, perfume, maquiagem, joias, esmaltes, espelhos, xales com moedas douradas e dinheiro. Digo que são possibilidades de oferendas, uma vez que os devotos têm a liberdade de inovar e trazer sempre novos tipos de oferendas, ou seja, caso o devoto deseje, ele pode entregar uma oferenda que nunca foi dada à Cigana. Assim, a escolha do que será ofertado é algo estabelecido de maneira dialógica a partir da interação entre devoto e a Cigana. O diálogo entre vivos e mortos presume uma interação, influência mútua entre ambas as partes.

Pode-se dizer que a escolha do que será ofertado à Cigana se relaciona com a história que o devoto conta sobre quem é essa Cigana, e sobre a vida e morte dela. O imaginário social dos devotos aponta a Cigana como sendo uma entidade da religião Umbanda, que trabalha na linha do oriente, ou seja, os povos ciganos, e também trabalha na linha dos exus, sendo uma pombagira cigana. Na umbanda essas entidades costumam trabalhar com bebidas, cigarros e frutas para atender consulentes, e esta prática religiosa migra para o ritual executado no cemitério. Muitos devotos também relataram que a Cigana gosta de se arrumar, é vaidosa e por isso fazer ofertas de perfumes e esmaltes é uma forma de agradar e presentear a entidade. Além de ser considerada uma entidade umbandista, alguns devotos consideram a Cigana apenas como uma alma iluminada sem associá-la a uma religião e ofertam vela, visto que esta é uma oferenda comumente entregue às almas dos mortos no dia de finados e no culto às almas que ocorre no cruzeiro do cemitério. Ressalto que o cruzeiro é um espaço ritualístico cemiterial composto por uma grande cruz, sendo um lugar destinado ao acendimento de velas para as almas, seja para ajudar a ascensão espiritual dessas almas aos céus e seja para pedir ajuda.

Assim, existe a narrativa central de que a Cigana é uma alma que pode interceder pelos vivos mediante o recebimento de alguma oferenda. Estes objetos-oferendas são tratados como sagradas, merecedoras de cuidados e zelo. E caso um devoto não entregue uma oferenda, seu pedido-graça não será realizado. A Cigana é percebida, pelos devotos, como sendo um espírito que atua na matéria, no mundo físico dos vivos através da manipulação e absorção das energias contidas nas oferendas-objetos entregues no túmulo. A Cigana é vista como mobilizadora das oferendas. Tal contexto permite pensar no conceito de pragmática dos efeitos, entendendo os efeitos das ações espíritos que podem ser percebidas no mundo visível.

Diana e Blanes (2014) lançam a pergunta de como as entidades podem ser visíveis, previsíveis ou não, através de traços. Os espíritos ganham concretude por meio de seus efeitos práticos e visíveis. Entidades propiciam efeitos no mundo tendo potencialidade para imprevisibilidade e transgressão. Almejando entender e definir formas espirituais de existência através de suas extensões em um plano social, essas extensões deixam marcas, traços, caminhos e, por fim, "evidências". O texto sobre a vida social dos espíritos enfatiza o rastreamento de efeitos (consequências sociais) do intangível, isto é, os mecanismos e efeitos do domínio do intangível, trabalhando a pragmática dos efeitos. O método

pragmático é interpretar cada situação a partir de suas consequências práticas, isto é, as consequências sociais da agência de formas extra humanas. Busca-se definir as entidades e seus efeitos (marcas, manifestações e consequências na vida dos informantes). No caso deste artigo analiso como os devotos, praticantes do culto à Cigana se reconhecem como afetados por traços de presenças espirituais da Cigana Adélia. Pode-se citar como exemplificação dessa afetação o contexto de retirada de uma demanda espiritual, isto é, um feitiço negativo lançado sobre alguém, e que será solucionado por uma influência espiritual e o espírito deixará traços e marcas da sua atuação benéfica ao trazer alívio, paz e conforto.

É o estudo do invisível a partir de seus efeitos. Os efeitos do intangível atuam e atingem contextos particulares da experiência (sonhos, visões, sensações). As entidades espirituais detêm capacidade de agir em processos históricos complexos, isto é, intangíveis atuando no mundo concreto. Os mortos, almas, espíritos, divindades constroem práticas no mundo da matéria e há índices dessa presença espiritual. Os modos pelos quais esses espíritos exercem efeitos no mundo podem ocorrer por meio de alterações corporais como possessão, doenças, mortes, suicídios, e também como encontros/comunicações em sonhos, ouvindo mensagens, avisos. Tratam-se de rastros e traços, são portanto presenças e ausências, pois traços implica falar de algo que passou por um lugar, deixou algo de si, e foi embora. Obter uma graça que foi solicitada é um efeito concreto da ação do espírito da Cigana, isto segundo a narrativa dos devotos.

Porém, além da Cigana se apropriar e mobilizar as oferendas para gerar efeitos pragmáticos no mundo dos vivos, é possível pensar sobre a agência não humana das oferendas, ou seja, em que nível há agência nas oferendas e como estas poderiam mobilizar a Cigana a agir no mundo material dos vivos. Para refletir sobre isso utilizo os conceitos de agência não humana apresentado por Despret (2004), Gell (1998), Latour (2005) e Ingold (2012) tais autores permitem analisar também sobre dicotomias entre materialidade e imaterialidade.

Ao estudar as relações entre sujeitos e objetos, produzindo uma teoria da agência, Gell (1998) foca sobre os objetos de arte os compreendendo como pessoas, logo interconecta as noções de pessoa e objeto, uma vez que os objetos são compreendidos como um agente, ou seja, que é capaz de ser uma fonte promotora de ações sequenciais. Na perspectiva do autor os objetos de arte se enquadram na chamada abdução de agência, a qual refere-se a uma agência passiva, isto é, um agente secundário. Assim, os significados, usos e produções destes objetos derivam da ação humana. De certa forma, no ritual de devoção à Cigana, os devotos atribuem significados as oferendas e estas passam a agir a partir da agência ativa humana.

Para Gell (1998) a agência dos objetos pode advir de uma perspectiva externalista que é no caso do objeto ser tratado como pessoa na medida em que recebe oferendas e banhos, por exemplo. As oferendas do túmulo da Cigana são tratadas de forma respeitosa e zelosa, elas devem estar limpas, organizadas em cima do túmulo e não devem ser descartadas no lixo comum. Uma funcionária do cemitério é encarregada de retirar as oferendas do túmulo quando estas começam a deteriorar e levá-las para longe do cemitério. Caso as oferendas sejam flores ou frutas, elas serão colocadas na natureza, em um jardim, por exemplo. E uma outra lógica da agência dos objetos, é a internalista, em que o objeto é visto como tendo uma vida própria, seu interior é interpretado como sendo repleto de substância viva. Portanto, o agente humano que tem agência ativa, concede ao objeto uma agência. Nesse quadro se estabelece a agência passiva-secundária. A intenção do agente humano é que determina a agência do objeto. A visão de imaterialidade de um objeto é atribuída por um sujeito. Nesta visão de Gell (1998) os objetos integram a teoria social, porém caracterizam uma agência social passiva, logo mantém uma lógica dicotômica de mundo onde persistem a objetividade e a subjetividade.

Outra perspectiva é apresentada por Latour (2005), que ao desenvolver a teoria do ator-rede critica a perspectiva que opõem a subjetividade da objetividade. Argumentando em prol do hibridismo, o autor expõe que a vida social é permeada de elementos que são simultaneamente sujeitos e objetos. Nessa teoria latouriana a agência se distribui por toda a rede sem priorizar uma lógica antropocêntrica. O ator é um híbrido e por isso, todo ator é sujeito e objeto. Pode-se dizer que pessoas, animais e objetos são atores. A definição de agência é ser capaz de influenciar outro ator da rede, é o que influencia a realizar uma

ação, logo o agente é aquele que faz fazer. Em síntese, Gell (1998) e Latour (2005) atribuem agência aos objetos.

Por outro lado, Ingold (2012) busca por devolver a vida dos objetos. Ingold diferencia objetos de coisas, o primeiro não pode ser acessado por um agente, são fechados em si mesmos. Já as coisas são emaranhadas de fios vitais. Uma árvore é o exemplo do que seria uma coisa, pois nela existem insetos, pássaros entre outros. As coisas são construídas mesmo quando há ausência da ação de agentes ou quando estes agentes têm um nível muito pequeno de influência na construção da coisa. Para o autor não existem objetos, somente coisas. E quando alguns estudiosos consideram coisas como objetos, estão minando a vida das coisas. As coisas agem, pois estão vivas e não porque possuem uma agência própria ou agência concedida. Para Ingold (2012) alguns autores reduzem coisas a objetos, e vida a agência.

E por fim, Despret (2004) evoca a ideia de movimento ao falar que o que existe não são coisas feitas, mas sim coisas em feitura. Compreendo que o fazer, a prática envolve o movimento e a continuidade. A devoção é um processo feito majoritariamente pela presença das oferendas e precisa sempre ser mantido pela presença constante do devoto e pela atuação da Cigana. Não há como definir os elementos de uma relação como ativo-passivo, sujeito-objeto há ambiguidades e cada elemento pode ser causa e efeito ao mesmo tempo. Dessa forma, quem não se envolve em relações torna-se mudo, morto, insensível. Despret (2004) elucida essa questão de entidades que fazem fazer. Portanto, o devoto e as oferendas são afetados, isto é, movidos e também movem, são colocados em movimento por entidades humanas ou não humanas. Após analisar as atuações da Cigana e as relações que ela estabelece com as oferendas e vice e versa, os próximos tópicos abordarão as relações entre devotos e oferendas.

2- Velas

Oferenda é todo objeto entregue em cima da lápide a partir de uma ritualística uma ritualística que tem como finalidade agradecer e/ou de homenagear à Cigana. Este tópico e os subsequentes abordam sobre como cada devoto cria significados para as oferendas entregues no túmulo. Portanto, é apontado como o devoto mobiliza a oferenda e também

como a oferenda mobiliza o devoto. Início apresentando sobre os significados que os devotos atribuem às velas. A vela é fogo, e este é luz, em sentido real e metafórico. Para o devoto K. a vela representa acender uma estrela, é uma representação da Cigana que trará luz para a vida do devoto. É também uma força de fornecer luz a Cigana para que esta possa agir favoravelmente ao devoto. Para Toninho Cigana, a Cigana Adélia é uma verdadeira luz na vida das pessoas.

O devoto acredita que há uma força no objeto capaz de dialogar com a Cigana, o objeto se integrará a Cigana e a consequência desta fusão é a concretização da graça que o devoto solicitou. Os vivos dão intensa importância aos elementos materiais de forma que eles passam a ganhar vida própria. O fogo em si próprio tem o poder de iluminar e transformar, essa característica constituinte do objeto é percebida e interpretada pela pessoa que acende a vela. Segundo os devotos o poder do fogo em queimar algo ocorre independente da crença em que o fogo queima. Portanto, o fogo como agente não humano influencia a ação do devoto, o fogo e suas características transmutadoras, faz com que o devoto resolva acender uma vela para transmutar um problema em uma graça alcançada.

Ademais, a cor da cera da vela tem significados e para cada tipo de pedido é preciso escolher determinada cor. Por exemplo, vela branca é para todo e qualquer tipo de pedido, vela vermelha para o amor, vela azul para obter paz

3-Flores

Os tipos de flores mais ofertadas são as rosas, em primeiro lugar há grande número de rosas vermelhas e em segundo lugar estão as rosas amarelas. Segundo a entrevistada maria Cigana, as rosas vermelhas simbolizam o amor e a sedução. Toninho Cigano, outro entrevistado, disse que o vermelho representa a vaidade e o amor. Leonardo, um entrevistado candomblecista, pediu para a Cigana um amor; após ter seu desejo concretizado, ele ofertou a ela um buquê de rosas. Em resumo, a rosa, especialmente a de cor vermelha é entregue quando o devoto deseja obter uma graça na área amorosa. Toninho Cigano também revelou que as flores de modo geral estão relacionadas à prosperidade e abertura de caminhos, o que é algo desejado para lidar com a vida amorosa. Já as rosas amarelas, significam para os devotos, a riqueza, o ouro, o ganho e o crescimento financeiro. Devido ao fato dos devotos atribuem esses significados as flores,

estas são instrumentalizadas pelos devotos justamente para que eles possam fazer pedidos na área amorosa e financeira. Portanto, se a rosa vermelha simboliza o amor, logo o devoto a escolhe para poder fazer um pedido para resolver algo amoroso. Os simbolismos da rosa e o motivo do pedido para alcançar a graça se fundem.

4-Bebidas e cigarros

Devotos explicam que a Cigana gosta de bebidas alcoólicas, especialmente cerveja e champanhe e por isso tentam agradá-la e ofertam essas bebidas na lápide. Bebidas também são relacionadas as festas e os ciganos são festivos, por isso há proximidade entre Cigana Adélia e bebidas. Além disso, as bebidas são caracterizadas como um alimento, é algo que alimenta a Cigana, assim como também alimenta os devotos. Essa capacidade da bebida em alimentar e nutrir é o que faz com que o devoto escolha a bebida como uma oferenda. Essa característica inerente da bebida mobiliza o devoto a usá-la como uma oferenda, uma vez que a bebida poderá simbolicamente alimentar o pedido do devoto e alimentar a Cigana de forma que ela tenha seu poder ampliado para conseguir concretizar uma graça/milagre. As bebidas por serem líquidos são associadas à fluidez, ao movimento, e isso, para os devotos, é algo que pode ser usado como oferenda, pois simboliza a movimentação dos eventos trazendo melhorias na vida dos devotos.

No caso dos cigarros, são elementos comumente entregues as entidades ciganas na umbanda, e o tabaco é usado como erva dotada de poderes mágicos que podem limpar e purificar a alma e o corpo físico das pessoas. Neste caso, os poderes curativos e purificadores da erva mobilizam pessoas a usar o tabaco de forma mágico-religiosa, seja na umbanda ou seja no ritual que ocorre no túmulo da Cigana.

5-Frutas e carnes

As frutas e as carnes são os únicos tipos de alimentos entregues no túmulo. Os devotos umbandistas relatam que espíritos são alimentados com as energias das frutas e carnes. Esta ideia de alimentação mobiliza o devoto a ofertar frutas e/ou carnes. Ademais, frutas como a maçã são muito utilizadas quando o devoto quer pedir um amor. Quando a pessoa faz o pedido, a Cigana utiliza a energia do devoto e, especialmente, a essência das bebidas

e alimentos que são ofertados, de modo que a graça possa ser realizada. Segundo o entrevistado João Jorge, que é umbandista, a Cigana absorve uma energia, essência existente em cada objeto ofertado e por isso as oferendas não podem ser jogadas foras, elas precisam ficar por um tempo em cima da lápide de forma que a Cigana possa usufruir dessas essências.

6-Adereços de beleza

Os adereços de beleza como esmaltes, joias, maquiagens, espelhos, pentes e perfumes são ofertados quando o devoto precisa resolver alguma questão amorosa. A maioria dos devotos associam as Ciganas como sendo mulheres que em vida eram bonitas e vaidosas que gostavam de cuidar da aparência. E após a morte, atuando como espírito, a Cigana permanece usufruindo desses objetos e conseguindo sentir as sensações que tinham quando eram encarnadas na terra.

Eles fazem para a gente e a gente faz para eles, porque o espírito precisa de luz, oração, então a gente reza, a gente acende vela e faz as OBRIGAÇÕES, igual ela gosta muito de champanhe, de maçã, joia, assim bijuteria, esmalte, pintura, essas coisas assim. Ai quando ela pede a gente oferece (informação verbal)

Considerações Finais

Ao refletir sobre as agências e significados dos objetos ofertados no ritual mágico-religioso de devoção que ocorre no túmulo da Cigana, pode-se dizer que este artigo conseguiu pensar em novas perspectivas sobre as relações das oferendas com entidade e devotos, gerando análise mais complexificadas que enriquecem a pesquisa etnográfica iniciada no meu mestrado. Dessa forma, as oferendas são, segundo a perspectiva dos devotos, pontes conectoras entre o mundo dos vivos e dos mortos. A materialidade das oferendas é instrumentalizada pelos praticantes do ritual para acessar um ente espiritual, no caso, a Cigana Kostichi. Oferendas atuam como símbolos que expressam a intenção do devoto em obter uma graça. É uma forma de linguagem para acessar a cigana e fazê-la compreender que o devoto necessita de ajuda.

Os devotos compreendem que as oferendas são objeto sagrados, que carregam essa energia sagrada e também armazenam a intenção e pedido do devoto, tornando possível transportar esse pedido do mundo físico para o mundo espiritual. Os devotos argumentam que nas oferendas existem energias inerentes a elas, e por outro lado energias- forças que os devotos inserem na oferenda, isto é, os pedidos para obter uma graça. A oferenda entregue cria uma energia de conexão, um laço que une o devoto à Cigana. Há uma força proveniente da própria da oferenda entregue e também há a força do devoto, criando um vínculo que aproxima e une atores vivos e mortos.

Além de entender como o devoto mobiliza e usa a oferenda, buscou-se compreender também como a oferenda mobiliza o devoto. O objeto-oferenda tem características próprias, isto segundo o entendimento do devoto, e tais características agem como fortalecedoras do pedido do devoto e por isso tais oferendas são escolhidas para serem entregues. Algumas dessas características das oferendas são: o poder de transmutação do fogo e a fluidez da água, presente nas bebidas.

Por outro lado, um dos focos foi compreender como o espírito-intangível da Cigana se apropria dos objetos-oferendas para manifestar graças no mundo dos “vivos”. Permitindo pensar como a materialidade das oferendas mobiliza e é mobilizada por entes espirituais neste ritual devocional. A Cigana se utiliza da energia existente na oferenda (energia que o devoto colocou na oferenda e energia proveniente da própria oferenda), absorve, manipula essa energia tendo mais forças para materializar no mundo físico a graça que o devoto solicitou. A oferenda mobiliza a Cigana na medida em que é um objeto que faz fazer, isto é, move, instiga a Cigana a responder ao pedido feito pelo devoto. A oferenda por possuir essa ideia de indagação, incentiva e auxilia a ação da Cigana, logo a oferenda influencia a ação da Cigana, incentivando-a a realizar a graça.

Referências bibliográficas

Blanes, Ruy & Espírito Santo, Diana (eds.). 2014. *The social life of spirits*. Chicago: The University of Chicago Press. (Introduction, p. 1-32).

DESPRET, V. O corpo que nós cuidamos. (Tradução de: *The Body We Care For: Figures of Anthro-zoo-genesis*. *Body & Society*, Vol. 10, n. 2–3, pp. 111–134, 2004)

FREITAS, Eliane Tânia Martins. Memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://teses.ufrj.br/IFCS_D/ElianeTaniaMartinsDeFreitas.pdf. Acesso em: out/2020.

GELL, Alfred. *Art and Agency: an anthropological theory*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 24-44, jan./jun., 2012.

JÚNIOR, Lourival Andrade. Da barraca ao túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção. 2008. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2008.

JURKEVIAS, Vera Irene. Os Santos da Igreja e os Santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular. 2004, Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2004.

LATOUR, Bruno. *Reensamblar lo Social: una introducción a la teoria del actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008 [2005]

SANCHIS, Pierre. “As Religiões dos Brasileiros”. *Horizontes*, vol 1 no 2, 1998.

THOMPSON, Barbara. Entre cruzeiros e o túmulo da Cigana Kostichi: Símbolos demarcadores de memórias sociais e identidades religiosas no cemitério de Santo Antônio, Vitória (ES). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Vitória- ES, p. 252, 2017. Disponível em:

http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_11039_Disserta%20Barbara%20Thompson%20-%20Vers%20Banca.pdf Acesso em: 18 de out. de 2020.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.